

A consciência histórica e a didática da história no Canadá¹

La conscience historique en didactique de l'histoire au Canada

Nathalie Popa*

RESUMO

A atual discussão sobre a consciência histórica no campo do ensino de história no Canadá inscreve-se num contexto intelectual e social particular, marcado por profundas transformações nas relações com o passado e nossa compreensão da história. Com efeito, os historiadores, didáticos e professores de história, aqui como em outros lugares, estão presos a um problema que, conforme Seixas (2021b), é epistemológico (como nós conhecemos o passado?) e ontológico (como nos situamos no tempo enquanto seres dotados de historicidade?). Daí o interesse, realmente presente na didática da história canadense, de melhor compreender a noção de consciência histórica. Contudo, a discussão permanece dispar. Minha intenção, neste artigo, é elaborar um estado dos lugares (dessa produção acadêmica) por meio de uma revisão crítica da literatura. Eu apresentarei uma abordagem sobre o contexto no qual se inserem as discussões sobre a consciência histórica e tentarei, em seguida, elaborar um quadro das definições, dos estudos e das justificativas deste conceito. Este artigo advoga pela necessidade crucial de um

ABSTRACT

The current Canadian debate on historical consciousness in history education takes place against the backdrop of larger contemporary changes reshaping how people engage with the past and understand history. According to Seixas (2012b), historians, educators, and school teachers in our post-progressive age are thus faced with a problem, which has both epistemological and ontological dimensions: How do we know the past, and how do we position ourselves in historical time? Though many in the field of history education have turned their attention to the notion of historical consciousness, the published literature on the topic generally lacks cohesiveness. In this article, I seek to bring together theoretical and empirical studies of historical consciousness, and offer a critical review of the literature. First, I discuss the intellectual and social context surrounding the study of historical consciousness. Second, I present various attempts to define, study, and justify the concept. As such, this article makes a case for furthering theoretical and empirical explorations of historical consciousness, as well as its potential

* McGill University, Montreal, Québec, Canadá. nathalie.popa@mail.mcgill.ca

aprofundamento sobre a questão da consciência histórica, no intuito de que ela possa servir para os debates sobre a história escolar e pública no Canadá. Palavras-chave: consciência histórica; didática da história; pensamento histórico; história canadense.

role in debates on history in Canadian schools and society.

Keywords: historical consciousness; history education; historical thinking; Canadian history.

APRESENTAÇÃO DA TRADUÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos ao público brasileiro a tradução do artigo *A consciência histórica e a didática da história no Canadá*, escrito pela professora e pesquisadora canadense Nathalie Popa. A autora, que possui doutorado pelo departamento de Estudos Integrados em Educação da McGill University, tem se dedicado a realizar pesquisas no campo da didática da história que envolvem a consciência histórica nos processos de ensino e aprendizagem da história no Canadá.

Neste artigo podemos ter uma noção panorâmica de como as investigações em didática da história têm se desenvolvido no Canadá a partir de um inventário de obras e autores que ainda são pouco conhecidos no Brasil. Observamos também que na experiência canadense as discussões sobre a consciência histórica são muito frutíferas e exercem um impacto significativo nos currículos de história e na história ensinada nas escolas. Todavia, como os leitores poderão perceber, não existe uma única concepção de consciência histórica em voga no cenário canadense da didática da história. São múltiplos os olhares sobre a consciência histórica, porém todos pesquisadores ressaltam as potencialidades desta abordagem no ensino de história.

Este trabalho realizado por Nathalie Popa, e aqui traduzido, é pertinente para compreendemos os diferentes percursos investigativos realizados pelos didáticos canadenses. Isto porque, em nossa realidade, temos diferentes obras de historiadores e pesquisadores ligados, por exemplo, à didática da história alemã, com Jörn Rüsen, Bodo von Borries, Klaus Bergmann e Andreas Köber; à didática da história francesa, com Nicole Tutiaux-Guillon e Nicole Lautier; à educação histórica, com Peter Lee, Rosalyn Ashby e Arthur Chapman. Porém, temos poucos materiais de autores canadenses, sendo apenas algumas traduções de textos de Peter Seixas e Christian Laville.

Acreditamos, portanto, que este artigo é uma importante contribuição para o fortalecimento do campo da didática da história no Brasil e para fomentar a realização de novas pesquisas, questões e debates a partir daqueles que lutam por um ensino de história com qualidade e sentido para a vida de alunos e professores.

Boa leitura!

Prof. Dr. Wilian Junior Bonete

Prof. Dr. Arnaldo Martin Szlachta Junior

O Canadá está prestes a comemorar a Confederação,² marcando 150 anos de história e de heranças. O evento, que durará vários meses, será uma oportunidade inigualável para discutir o significado da história³ no Canadá e levantar algumas questões. De que história(s) estamos falando? Como queremos que a história seja ministrada na escola, representada na esfera pública e promovida pela população geral? O projeto *Notre Canada, nos histoires*, por exemplo, é uma campanha nacional sem fins lucrativos, fundada em 1997, para envolver os canadenses “de todas as idades e todas as origens para registrar suas histórias pessoais, familiares e comunitárias”, a fim de “celebrar e registrar o passado e o presente, criando uma contribuição incomparável de recursos para o futuro”.⁴ Ou ainda o projeto *2017 Débute Maintenant* que é uma iniciativa que visa propor “uma conversa com os cidadãos canadenses a fim de conhecer uns aos outros ‘com o objetivo de’ revisitar nosso rico passado, refletir sobre as mudanças que ocorreram e identificar os desafios que se tem pela frente e explorar soluções por nós definidas em 2017 e a longo prazo. Este projeto coloca até mesmo um conjunto de discussão à disposição dos cidadãos para prepará-los para as atividades do 150º aniversário”.⁵ Esses exemplos de iniciativas são apenas duas dentre as centenas que apelam à consciência histórica dos canadenses.

Nesse sentido, a publicação deste dossiê especial⁶ é algo oportuno e este artigo pretende especificamente fazer um inventário da literatura canadense sobre a noção de consciência histórica. Em primeiro lugar, o artigo discutirá brevemente a noção de consciência histórica, situando-a em relação às tendências recentes na didática da história no Canadá. Em segundo lugar, o artigo apresentará uma revisão da literatura da didática da história sobre a noção de

consciência histórica, olhando primeiro para as definições do conceito, depois para os estudos empíricos e para os motivos de um encorajamento em torno de sua aplicação na educação. Finalmente, o artigo tenta enfatizar a importância de explorar a questão da consciência histórica a fim de que ela possa ressoar no debate sobre a educação e a história no Canadá.

AS TENDÊNCIAS ATUAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

A discussão contemporânea sobre a consciência histórica e ensino de história se inscreve num contexto particular. Esse contexto é descrito pelos pesquisadores e observadores atentos como marcado por transformações profundas em nossas relações com o passado e nossa compreensão da história. De maneira geral, os didáticos da história canadenses (CLARK et al., 2011; CONRAD, 2001, p. 33-35; LAVILLE, 2003; LÉVESQUE, 2011; SANDWELL, 2006; SEIXAS, 2000; SEIXAS, 2004; SEIXAS, 2012b) caracterizam essa conjuntura como uma “condição pós-moderna” ou ainda uma “era pós-progressiva”, uma era presa à aceleração da história, à busca do passado; à dissolução do equilíbrio entre passado e presente, ou ainda ao “colapso do futuro”. Ademais, a noção de crise frequentemente retorna em suas descrições. Se hoje a consciência histórica nos importa, explica Laville (2003), é porque enfrentamos diferentes revoluções no Ocidente ao curso da segunda metade do século XX: crise do Estado-Nação, crise econômica, crise ideológica e de valores, crise da memória coletiva e crise da disciplina histórica. Então, é no contexto de um mundo considerado pós-colonial, pós-industrial, pós-socialista e pós-nacional que se localizam os estudos da consciência histórica, da memória coletiva e os usos públicos do passado.

Esse contexto exerce influência considerável sobre nossas relações com o passado, tanto na disciplina de história e seu ensino, como na população em geral. Em diferentes níveis, nós estamos lidando com um passado de natureza múltipla, variável e maleável. A *história* torna-se *histórias*, um “assunto contencioso”, por vezes um “campo de batalha”.⁷ Essa situação particular levanta questões fundamentais que se colocam aqui, e nos demais lugares, para os historiadores, didáticos e professores. Por exemplo, como a história acadêmi-

ca, o ensino escolar e a história promovida na esfera pública podem combinar histórias entre alunos e pessoas comuns, histórias que saem do senso comum ou da memória coletiva? Em outras palavras, como reconciliar, de um lado, a necessidade sentida pelos indivíduos em recorrer ao passado para encontrar respostas pessoais às suas interrogações cotidianas e, de outro lado, suas relutâncias em crer numa narrativa histórica ou uma versão oficial dos fatos? De modo geral, para os didáticos canadenses (CLARK et al., 2011; CONRAD, 2011; GAFFELD, 2006; GOSSELIN & LIVINGSTONE, 2016; MORTON, 2000, 2006; SANDWELL, 2006; SEIXAS, 2000), questões deste gênero, apesar de suas complexidades, figuram entre as prioridades em suas agendas investigativas.

Esses desafios levaram a comunidade da didática da história no Canadá a se interessar, cada vez mais, a partir dos anos 1990, pela abordagem pedagógica do pensamento histórico. Segundo Laville (2003) e Osborne (2006), esta abordagem surgiu ao mesmo tempo de uma tendência na educação de querer desenvolver nos alunos qualidades intelectuais e emocionais, valores e habilidades que são exigidas de cada cidadão com uma mente aberta e crítica. Nessa perspectiva, buscamos nos afastar do modelo de ensino tradicional, onde o ensino de história corresponde a uma transmissão categórica e imparcial de um conjunto de fatos e conhecimentos relativos à história nacional. Em contraste, tendemos a incentivar os alunos a aprender a pensar historicamente, ou seja, desenvolver suas próprias interpretações do passado fazendo uso das práticas e mentalidades específicas da disciplina histórica. Desta forma, o avanço do pensamento histórico como uma abordagem de ensino representa uma proposição “modesta” (SEIXAS, 2009) que se tornou verdadeiramente revolucionária, segundo Clark (2011), Sandwell (2006) e Sandwell & von Heyking (2014). A noção de consciência histórica, como aponta Seixas (2011, p. 141-142; 2015a), foi incorporada ao modelo do pensamento histórico canadense e, portanto, mais ou menos integrada aos currículos escolares de todo o país.

Embora haja, de fato, motivos para comemorar os notáveis sucessos do avanço do pensamento histórico no ensino de história, alguns didáticos expressam ressalvas e afirmam que a consciência histórica necessita ser melhor elaborada. Por exemplo, observando a insuficiência de diferentes abordagens para o ensino da história canadense, incluindo a do pensamento histórico, Osborne (2006) aponta para uma abordagem que ele chama de *historical-mindedness*, como aquela que “descreve o caminho pelo qual pode-se ver o

mundo a partir dos estudos históricos” (p. 125). A partir desta noção de mentalidade histórica, Bruno-Jofré & Steiner (2007) propõem claramente torná-la o objetivo central do ensino de história. Christou & Bullock (2012, p. 16-17), embora avancem na noção de *philosophical mindedness*, em filosofia da educação, por sua vez afirmam que a didática da história é o melhor viés na promoção da consciência histórica descrita por Osborne (2006), em conceber a história como uma forma de ser, de saber e de agir.

Outra crítica ao pensamento histórico vem de Peter Seixas, um dos principais idealizadores do *Historical Thinking Project*⁸ e co-autor do livro *The Big Six: historical thinking concepts*⁹ (Seixas & Morton, 2012). Seixas (2012b) afirma que, apesar das recentes reformas no Canadá destinadas a integrar a abordagem do pensamento histórico no currículo escolar, nos materiais de ensino e nas avaliações, a questão de consciência histórica, ou como os alunos podem ser levados a conceber a sua própria historicidade, não foi abordada de forma satisfatória (p. 868). Embora o pensamento histórico tenha claramente conseguido fortalecer os fundamentos epistemológicos dos alunos, no ensino de história, ela ainda não conseguiu abordar a questão ontológica de seu senso de historicidade. Seixas (2012b), portanto, convida a comunidade de didáticos a considerar “a questão de construir a compreensão dos alunos de sua própria historicidade em programas escolares. Isso poderia fazer sentido? E caso sim, como?” (p. 868). Esse aspecto representa uma tarefa difícil, segundo Seixas, mas imperativa em nossa era pós-progressista.

Se dermos ouvidos a essas críticas ao pensamento histórico e se acreditarmos como Seixas (2006) que “ajudar os jovens a formular boas respostas para estas questões de consciência histórica é a tarefa central da educação histórica” (p. 16), um exame do lugar atual da consciência histórica no ensino de história no Canadá torna-se essencial. A seção seguinte apresenta uma revisão da literatura do ensino de história acerca da noção de consciência histórica.

RETRATO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NO CAMPO DA DIDÁTICA DA HISTÓRIA NO CANADÁ

A consciência histórica no campo da didática da história experimentou uma idade de ouro no Canadá. Em 2001 foi realizado o simpósio denominado *Canadian Historical Consciousness in an International Context: Theoretical*

*Frameworks*¹⁰ (Peter Wall Institute, University of British Columbia), que levou ao estabelecimento da primeira cadeira acadêmica dedicada ao estudo da consciência histórica, no Centre for the Study of Historical Consciousness (CSHC)¹¹ e a produção da obra *Theorizing Historical Consciousness* (University of Toronto Press, 2004).

Então, o que significa a noção da consciência histórica para a didática da história no Canadá? Esta revisão crítica da literatura canadense tentará retratá-la e procederá em três etapas: primeiro, como os didáticos definem a noção de consciência histórica; então, como eles a estudam na pesquisa empírica; e, por fim, como justificam a sua relevância na educação.

DEFINIÇÕES DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: CONCEITO E TEORIAS

À primeira vista, para a maioria dos educadores canadenses, a noção de consciência histórica designa uma relação com o passado, um *sense of past*,¹² que é fundamental para a experiência humana do tempo. Essa relação com o passado é inata e adquirida; os seres humanos estão intuitivamente ligados ao passado simplesmente por sua capacidade de lembrar, mas esta habilidade, evidente na escrita, prática e ensino de história, é variável de acordo com os tempos e culturas. Desta forma, segundo Seixas (2006, p. 15-16), todos nós temos uma disposição natural de realizar perguntas relevantes da consciência histórica, mesmo que as respostas a essas perguntas difiram de um indivíduo para outro. Além disso, essa disposição implica em uma relação passado-presente-futuro. Como escreve Duquette (2010):

a consciência histórica é a consciência humana da natureza do tempo e de sua própria temporalidade. A consciência histórica seria então definida como o uso do passado para compreender o presente e imaginar o futuro. Assim, influenciaria a maneira como um indivíduo pensa sobre si mesmo ao longo do tempo e permitiria que ele observasse a evolução dos valores de sua sociedade. (p. 150)¹³

Em sua essência, a consciência histórica está associada à maneira como atribuímos sentido ao passado, com vistas a compreender e atuar no presente e no futuro.

Apesar da existência de tal concepção intuitiva da consciência histórica,

os educadores devem, no entanto, levar em consideração as várias disciplinas e escolas de pensamento e, portanto, são tentados a esboçar uma definição do conceito usando teorias derivadas de outros lugares para além do Canadá. Charland (2003, p. 19-21), Duquette (2010, 2015), Laville (2003) e Seixas (2004, 2015b), portanto, consideram útil rastrear a origem e a evolução da consciência histórica como um campo e objeto de estudo na filosofia e na literatura europeias. Assim, associam o conceito às tradições do idealismo e da fenomenologia alemãs. Além disso, eles descrevem o desenvolvimento da consciência histórica no ensino de história e observam que ela surge como um conceito-chave na Alemanha a partir da década de 1970, depois nas culturas acadêmicas e didáticas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos durante os anos de 1980 e 1990. Finalmente, Clark (2011, p. 7-11), Conrad, Létourneau, & Northrup (2009, p. 17) e Seixas (2015b, p. 2) observam que o conceito é desenvolvido mais seriamente no ensino de história no Canadá a partir da década de 1990. Assim, em suas tentativas de delimitar o conceito de consciência histórica, os didáticos canadenses às vezes tendem a descrever a genealogia do termo e, ao fazê-lo, referem-se ao léxico conceitual em diferentes disciplinas e tradições intelectuais.

Como a consciência histórica é então definida pelos didáticos canadenses?¹⁴ Cinco temas recorrentes nos permitem examinar as diferentes definições propostas. Um primeiro tema define brevemente a consciência histórica em termos de encruzilhadas ou ponto de intersecção. Isso aparece sobretudo nos escritos de Peter Seixas, mas também entre os didáticos que usam essas definições, muitas vezes implicitamente, em seus estudos e publicações. Seixas (2004, p. 10) afirma que a consciência histórica é um espaço em que se confundem a memória coletiva, a escrita da história e outras formas de representação do passado no imaginário coletivo. Ou, em outras palavras, que se constitui no ponto de encontro onde se inter cruzam memória coletiva, cidadania e ensino de história (Seixas, 2006, p. 15). Essas definições, que também servem de ilustração, possuem a vantagem de apresentar uma visão geral do conceito de consciência histórica e de fornecer um ponto de entrada conveniente para a espinhosa questão de sua teoria.

Um segundo tema importante define a consciência histórica em termos de uma “perspectiva crítica” (CHARLAND, 2003, p. 36) e a concebe como uma habilidade cognitiva particular que é reflexiva e crítica. Para Létourneau

(2014), a consciência histórica “decorre da compreensão ativa e reflexiva do que foi, uma espécie de intelecto mais ou menos elaborado ou conceituação de primeiras informações ou experiências brutas tocantes ao passado, informações e experiências, portanto, trazidas a um nível secundário de assimilação e apropriação” (p. 13).

De fato, a maioria dos didáticos dá o nome de pensamento histórico a esse tipo de intelecto, e acredita que ele se desenvolve por meio da aprendizagem de procedimentos e conceitos de segunda ordem específicos do método histórico. Alguns didáticos, entretanto, fazem uma distinção entre pensamento e consciência. Por exemplo, Duquette (2010, 2014) afirma que tais conceitos oferecem diferentes estruturas para a compreensão do passado e que cada um deles é reflexivo à sua maneira. Em suma, essas definições de consciência histórica como pensamento crítico geralmente destacam as semelhanças e correlações com o pensamento histórico, embora a maioria dos estudiosos não realize a distinção necessária ou explicitamente dessas duas noções.

Outro tema importante na literatura diz respeito à noção de memória histórica. Esta pode ser pessoal ou coletiva e muitas vezes engloba as noções de identidade, de ação¹⁵ e de cidadania. Encontramos esses temas nos trabalhos de Charland, Éthier e Cardin (2010), Létourneau e Moisan (2004), Létourneau (2006, 2014), Lévesque, Croteau e Gani (2015), Peck (2011), Seixas e Clark (2011), Stanley (2006) e Zanazanian (2010). Em geral, para estes autores, a memória histórica – as representações e interpretações do passado compartilhadas por um grupo de indivíduos, ou uma mistura de valores, histórias, normas e símbolos culturais – atua da maneira que Létourneau (2006, p. 71) a descreve, como o “motor” da consciência histórica. Assim entendida, a consciência histórica oscila entre dois polos. Por um lado, decorre de uma memória subjetiva, fragmentada ou exclusivista e, como tal, influencia a formação da identidade, o sentimento de pertença e o sentido de cidadania. Por outro lado, como aponta Simon (2004), baseia-se em uma memória histórica de “cuidado” e escuta, que atua “como compromisso e participação em um processo crítico e prático da lembrança e da aprendizagem” (p. 197) e, portanto, é benéfica em vários níveis. Dessa forma, as definições que tratam da consciência histórica em termos de memória coletiva, histórica ou pública geralmente enfatizam seu papel cultural e social em relação ao pertencimento a uma determinada comunidade.

Um quarto tema diz respeito às noções de temporalidade e narratividade. Nessa perspectiva, a consciência histórica possibilita a mobilização de representações e compreensões do passado em um ato narrativo que serve para aprimorar as decisões e ações da vida cotidiana e, finalmente, para fins de orientação temporal e compreensão da realidade que nos rodeia. A influência dos escritos do eminente teórico alemão Jörn Rüsen é muito visível entre os educadores canadenses, como Duquette (2015), Lévesque (2014), Seixas (2005) e Zanazanian (2015). Lévesque (2014), por exemplo, define a consciência histórica como sendo um modo

de experiência temporal, interpretação histórica e orientação de vida. Para Rüsen, a experiência temporal envolve a capacidade de pesquisar e olhar para relíquias do passado, enquanto a interpretação histórica e orientação fornecem as habilidades necessárias para fazer a ponte entre o tempo (passado, presente e futuro) e utilizar tais interpretações para as decisões de vida pessoal – o que ele chama de “atividade criadora de significado” mental. (p. 116)

As ideias de Rüsen também são apresentadas por Zanazanian (2015), para quem:

a consciência histórica compreende um objeto de investigação para compreender os processos de construção do significado humano quando os indivíduos interagem com a mudança temporal a fim de conhecer e agir no tempo. (p. 19)

Em suma, a definição em termos de narratividade e temporalidade reflete uma dimensão inevitável da consciência histórica, mesmo que muitas vezes acabe sendo mais abstrata.

Finalmente, um último tema a ser observado é o da metáfora, na medida em que as metáforas possuem o potencial de influenciar nossas representações e reconstruções do passado. Na verdade, de acordo com Zanazanian (2015), cada um carrega dentro de si um “repertório de meios metafóricos convencionais que existem em nossas ferramentas culturais e que podemos alcançar para dar sentido e agir na realidade” (p. 23). Essas observações encontram eco em Marker (2011), que propõe o uso de uma metáfora aborígine para conscientizar os estudantes canadenses sobre as formas de conceber o passado destes povos nativos americanos, e que raramente são ensinados ou estudados

nas aulas de história. A metáfora que ele apresenta é a da intersecção de quatro caminhos que levam ao topo de uma montanha; representa, em um primeiro nível, os quatro temas da consciência histórica indígena, conforme elaborado por Marker, e, em um segundo nível, a disposição de um indivíduo para compreender esta consciência histórica particular, deixando de lado os preconceitos ocidentais da história. Létourneau (2006) também sugere o desenvolvimento de novas metáforas e “isso nos permitiria repensar toda a experiência do país” (p. 84), seguindo a análise da memória histórica de jovens quebequenses, que se baseiam em representações do passado decorrentes de histórias mitológicas. Nesse sentido, a noção de metáfora apresenta uma faceta mais prática e comprometida com a definição da consciência histórica.

Em suma, a definição de consciência histórica confronta os didáticos da história com um dilema importante. Se a noção parece intuitiva na base e “comumente presumida” (GOSSELIN & LIVINGSTONE, 2016, p. 5), continua sendo difícil elaborar uma única definição devido a sua pluralidade teórica e disciplinar. Isso resulta em definições que entrelaçam, dentre outras, as noções de pensamento histórico, compreensão histórica, orientação narrativa e moral, memória histórica e, na língua inglesa o que se chama de *sense of the past*. No entanto, não há necessidade de desistirmos. Para desemaranhar essa confusão, talvez seja menos relevante encontrar uma definição abrangente e definitiva, como tentado pelo CSHC (“Sobre: definição de consciência histórica”), do que enriquecer uma linguagem que serve para circunscrever a consciência histórica. Tal linguagem forneceria aos didáticos da história um conjunto de conceitos claros, acompanhados de como usá-los e facilitaria o desenvolvimento de uma colaboração mais eficaz entre didáticos.

PESQUISA SOBRE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: ESTUDOS EMPÍRICOS E METODOLOGIAS

No programa do colóquio intitulado *O passado e nós: a consciência histórica no século XXI*, realizado entre os dias 29 de setembro e 1º de outubro de 2011, na cidade de Quebec,¹⁶ a consciência histórica é caracterizada como “um dos campos de pesquisa e de reflexão mais rica e difícil nas ciências sociais”. Ao longo dos anos, pesquisadores anglófonos e francófonos no Canadá participaram ativamente neste terreno fértil. Podemos encontrar provas disso na-

vegando nos *sites* de CSHC e THEN/HiER (The History Education Network/Histoire et Éducation en Réseau). A seção a seguir analisa o estado da pesquisa empírica sobre a consciência histórica e, mais especificamente, examina primeiramente os objetos e objetivos dessa área de pesquisa, depois os métodos e as abordagens nela empregados e, finalmente, as interpretações e as descobertas resultantes.

Em primeiro lugar, os estudos empíricos realizados por pesquisadores canadenses da didática da história geralmente enfocam as relações que os indivíduos comuns, jovens e idosos, têm com a história e/ou o passado, seja na escola, no museu, em locais históricos ou nas esferas culturais e midiáticas. Assim, pesquisadores, incluindo Conrad et al. (2013), Létourneau (2014) e Seixas (2006), estão tão interessados na substância ou conteúdo quanto nas operações processuais de consciência histórica: estudam narrativas e padrões históricos, concepções de história, atividades de natureza histórica e a compreensão e o uso de fontes históricas. Alguns, como Charland, Éthier e Cardin (2010), Seixas e Clark (2011) e McLean (2014), examinam, mais precisamente, os entendimentos e as reações dos indivíduos quando confrontados com símbolos históricos debatidos, como, por exemplo, monumentos públicos, memoriais, livros de história escolar, museus e comemorações nacionais, ou suas interações e vivências com esses lugares de memória. Outros estão particularmente interessados no ensino de história e, portanto, tomam como base os alunos que cursam a disciplina nas escolas (CHARLAND, 2003; DUQUETTE, 2015; LÉTOURNEAU, 2014; SEIXAS, 2005, 2012b) ou mesmo professores de história (LÉVESQUE, 2011, 2014; LÉVESQUE & ZANAZANIAN, 2015; ZANAZANIAN, 2012). Nesses casos, o objetivo é geralmente elucidar a natureza e o funcionamento da consciência ou pensamento histórico e suas várias ramificações, incluindo a significância na história, o uso de fontes primárias ou manifestações de empatia histórica. Além disso, de uma perspectiva comparativa, pesquisadores, incluindo Charland et al. (2003), Charland, Éthier e Cardin (2010), Létourneau e Moisan (2004), Létourneau (2006, 2014), Lévesque, Croteau, Gani e Boissonneault (2015), Peck (2011) e Zanazanian (2010), examinam a correspondência entre consciência histórica, por um lado, e memória coletiva, identidade nacional e consciência cívica, por outro. Esses estudos buscam, muitas vezes, identificar a influência das narrativas, metáforas e esquemas narrativos nas compreensões do passado que os indivíduos têm no

presente e, conseqüentemente, nas formas como esses indivíduos ensinam, aprendem ou transmitem a história.

A partir desses tópicos e de seus objetivos específicos de pesquisa, os pesquisadores canadenses da didática da história adotam abordagens diferentes. Dentre essas abordagens, o estudo qualitativo está entre os mais frequentes. Nesse contexto, as entrevistas semiestruturadas costumam andar de mãos dadas com a observação de indivíduos engajados em uma determinada atividade e são complementadas por perguntas sobre seu pensamento metacognitivo. Por exemplo, Seixas (2005, 2011, 2012b) pediu aos participantes que interpretassem fontes primárias ou filmes históricos contemporâneos, ou que produzissem um ensaio ou desenhassem um diagrama contando uma história e, em seguida, explicar por que eles pensavam ou agiam dessa ou daquela maneira. O estudo qualitativo, portanto, forneceu uma compreensão profunda das atitudes e comportamentos associados à consciência histórica. A abordagem quantitativa também é usada e acaba por ser particularmente benéfica em estudos de grande escala, tal como produzido pelo *Canadians and their pasts*, numa pesquisa feita, via telefone, conduzida com mais de 3.000 pessoas. Neste questionário, uma das seções foi dedicada ao *sense of past* (CONRAD et al., 2013, p. 161-178). Nesse tipo de estudo, quanto mais curto o questionário, mais a participação é maximizada e representativa da população estudada. A estratégia do questionário também é usada em estudos de menor escala, como, por exemplo, para investigar uma população de aspirantes a professores de história (LÉVESQUE, 2014), mas não tem a vantagem de fornecer resultados generalizáveis. Além disso, os pesquisadores às vezes adotam métodos originais para melhor atender às necessidades de seus próprios estudos. Alguns exemplos incluem Létourneau (2014, p. 17-24, 29-46), em um estudo que visa constituir um *corpus* original de enunciados; McLean (2014), em um estudo que se apropria de uma metodologia hermenêutica e também do uso do digital; e Duquette (2015), que desenvolveu uma ferramenta de pesquisa original em quatro etapas para observar o surgimento da consciência histórica em um processo de aprendizagem dada a variedade de assuntos, objetivos e métodos de pesquisa. Não surpreendentemente, os resultados e interpretações desses estudos variam em proporção. Em geral, os resultados tendem a mostrar que a consciência histórica de assuntos estudados é viva. Por exemplo, Létourneau (2014) considera que os adolescentes investigados têm “uma visão forte do

passado sem ter um conhecimento pleno do que aconteceu no passado” (p. 18). Ou ainda, os autores do *Canadians and their pasts* (CONRAD et al., 2013) estão convencidos de que, apesar dos muitos estudos que tentam demonstrar que os canadenses têm pouco conhecimento histórico, “a história – como conhecimento das pessoas, como meio de conversa pública, como busca acadêmica – vive” (p. 160) e que, neste sentido, “o passado não é esquecido” (p. 5). Além disso, em diversos estudos que investigam alunos e professores, os resultados tendem a mostrar que os níveis de consciência histórica dos sujeitos investigados influenciam, em certa medida, na sua compreensão ou visões da história e que os indivíduos e grupos têm papéis ativos na formação de sua própria consciência histórica. Assim, a partir de seus resultados, os pesquisadores geralmente tendem a oferecer recomendações ou modelos para melhorar o ensino e/ou aprendizagem de consciência ou pensamento histórico. Seixas (2006), por exemplo, conclui a partir dos resultados de seu estudo que a tarefa da educação histórica é “apresentar diferentes caminhos e ferramentas históricas, processos e formas de pensamento [dos historiadores]” (p. 21).

Em última análise, o estudo empírico da consciência histórica no campo da didática da história no Canadá parece estar ainda em sua infância. De fato, os estudos não seguem um protocolo uniforme. A escolha do objeto de estudo e o desenvolvimento de abordagens e estratégias analíticas são determinados de acordo com os referenciais teóricos e objetivos específicos de pesquisa. Nesse sentido, os pesquisadores canadenses se inspiram uns nos outros, mas suas abordagens e metodologias são influenciadas principalmente pelas pesquisas realizadas no exterior, especialmente na Alemanha, Grã-Bretanha, Estados Unidos, nos países escandinavos, na Austrália, Espanha e Holanda. Além disso, em virtude da pluralidade associada à definição do conceito apontado acima, a forma como estes sobrepõem os diferentes estudos não é de todo óbvio, o que parece sugerir uma ligação entre as poucas pesquisas que se concentram principalmente na consciência histórica dos alunos e a imprecisão epistemológica associada ao conceito. Portanto, certamente seria vantajoso sistematizar a pesquisa no futuro e distinguir o estudo do pensamento e da consciência histórica, com um conjunto de dados históricos empíricos. Isso permitiria definir melhor a consciência histórica, bem como justificar a sua relevância.

JUSTIFICATIVAS PARA A CONSCIÊNCIA
HISTÓRICA: PAPEL E POTENCIAL

Se a comunidade da didática história está realmente preocupada com a definição do estudo empírico da consciência histórica, que razões têm os educadores para promovê-la, além de seus interesses pessoais didáticos e acadêmicos? Para muitos deles, não há dúvida de que a consciência histórica permite formar uma base de aproveitamento dos benefícios do estudo da história. De acordo com Morton (2006), ela é feita a partir de quatro maneiras distintas: “(1) apreciação do *continuum* do passado, presente e futuro; (2) consciência da herança cultural, étnica e familiar; (3) compreensão de como e por que nossa sociedade evoluiu; (4) conhecimento do nosso mundo” (p. 28-29). Resumindo essa ideia, Osborne (2006, p. 104-107) e os autores do *Canadians and their pasts* (CONRAD et al., 2013, p. 152-153) sugerem que a consciência histórica torna possível transcender e enriquecer o momento presente. Por meio do ensino de história, a consciência histórica assume uma grande importância que se manifesta, após análise da literatura, em três níveis: educação, sociedade e moralidade.

Primeiro, a consciência histórica tem potencial educacional. Há um consenso geral entre os educadores de que pensar historicamente tem o potencial de tornar os alunos mais atentos às formas de se estudar, interpretar e usar a história na vida cotidiana, e mais capazes de reconhecer a complexidade e precariedade de suas relações com o passado, o presente e o futuro. Nesse sentido, a consciência histórica tem uma função educacional epistemológica e ontológica (SEIXAS, 2012b). Por um lado, especialmente quando entendida em termos de pensamento histórico ou pensamento disciplinar, ensina aos alunos, entre outras coisas, como construir o conhecimento histórico, quais interpretações e representações do passado são as melhores, e como fazer as diferenciações entre fatos, relatos históricos e mitos. Assim como o estudo da história, a consciência histórica desenvolve uma forma de autonomia ou “autodeterminação” (OSBORNE, 2006, p. 127) intelectual. Na verdade, como Lévesque (2011) escreve: “sem a intervenção de um sentido formal e crítico de como o conhecimento histórico é desenvolvido, manipulado ou transmitido, os alunos apreendem de maneira ingênua o que é apresentado a eles pelas autoridades, sejam eles líderes políticos, produtores de cinema, pais ou profes-

sores” (p. 134). Por outro lado, a consciência histórica ensina aos alunos como questionarem a sua existência no tempo e na história; serve, como sugerido por Osborne (2006), “para entender a nós mesmos e nossas capacidades como seres historicamente situados” (p. 128). Nesta perspectiva, os alunos desenvolvem uma consciência de sua própria historicidade e sua ação histórica ou, em outras palavras, uma consciência de suas possibilidades e limitações como agentes de vários processos históricos que vão além de suas próprias experiências de vida. Esta é a principal função da consciência a história no ensino de história, segundo Seixas (2006),

para ajudar [os alunos] a compreender quem são, onde estão e o que podem fazer – como indivíduos, como membros de vários grupos que se cruzam, e como cidadãos com funções e responsabilidades em relação às nações e estados em um mundo complexo, cheio de conflitos e em rápida mudança. (p. 21)

Se o papel educacional da consciência histórica é articulado mais ao nível individual, os educadores canadenses também nos dão uma contribuição social significativa. Por exemplo, muitos educadores acreditam que a consciência histórica deve permitir que alunos, futuros adultos e cidadãos se abram a várias culturas e identidades presentes em sua sociedade. Em Létourneau (2006), a valorização da consciência histórica no ensino de história oferece um remédio para um problema que é educacional e social: “o que mais precisamos nos tempos atuais são pessoas que não estão presas em narrativas obsoletas, identidades equivocadas e representações unívocas da complexidade de nosso país, para não dizer do mundo” (p. 86). Na mesma linha, Marker (2011, p. 111) e Seixas (2012a), argumentam que na ausência de uma consciência histórica que pode levar em conta a relação com o conhecimento e a temporalidade dos povos ameríndios, integrando a experiência aborígene ao currículo de história canadense, perde-se o seu alvo. Esta visão do papel da consciência histórica também lembra seu potencial para inculcar a competência cívica. Esta função é destacada por vários didáticos, incluindo Laville (2003), Simon (2004, 2005), Charland (2003), Martineau (2010, p. 41-42) e Seixas (2006), que acreditam que a consciência (ou pensamento, ou compreensão) histórica torna possível desenvolver indiretamente as qualidades essenciais para um cidadão engajado na vida civil, a deliberação democrática e o discurso público. Alguns, como Heyer (2011), Peck (2011) e Zanzanian (2012) afirmam que a consciência

histórica (ou compreensão, ou engajamento) contribui mais precisamente para a compreensão do outro e para a justiça social. Esse potencial social da consciência histórica se aplica, no final, tanto à escala de uma única sociedade, como o Canadá, ou globalmente, como os autores do *Canadian and their past*, escrevem: “a consciência histórica pode nos ajudar a desenvolver a afirmação da vida e os modos de convivência no planeta” (p. 151).

Além de desempenhar um papel no aprofundamento de nossos conhecimentos sobre o eu e o mundo e no enriquecimento da nossa convivência democrática, a consciência histórica tem um significado moral e ético. Esta ideia, os educadores canadenses não são os primeiros a expressá-la, mas parecem particularmente convencidos de sua relevância no momento presente. Em certo sentido, a promoção da consciência histórica está associada, como Conrad (2011) argumenta, com a crença de que a história tem um valor intrínseco humano, ou humanista, que deve ser defendido a todo custo:

O valor da disciplina de história está na forma como ela ajuda os seres humanos a compreenderem o seu lugar no mundo. Junto com a literatura, a história sempre foi central para identificar, interpretar e compartilhar os valores dos quais depende a sociedade civil. Esse tipo de conhecimento, muito desvalorizado em uma sociedade movida pelo mercado de ações, oscilações, choques de civilização e os cenários que se parecem com o “fim do mundo”, são importantes e talvez até cruciais para o nosso bem-estar, enquanto espécie humana, neste planeta. (p. 50)

Em outro sentido, como aponta Chinnery (2010), não importa se estudamos ou conhecemos bem a história, pois a consciência histórica tem um importante potencial para nos forçar a reconhecer a ideia de que temos o dever de ouvir as vozes e silêncios do passado. Educar para a consciência histórica, como afirma Chinnery (2013), gera, portanto, uma compreensão da história que se centra não apenas no estudo dos vestígios do passado, mas também nas pressões morais exercidas no passado e no presente (p. 254). Da mesma forma, para Seixas (2015a, p. 10-11), a consciência histórica, representando a dimensão ética em seu modelo de pensamento histórico, é semelhante a uma obra de memória e justiça que é afetada por:

(1) o problema de julgar os atores e ações do passado, (2) lidar com os crimes e injustiças passados cujos legados – sejam benefícios ou não – vivemos com ele

hoje, e (3) as obrigações de memoriais que no presente devemos às vítimas, heróis ou outros antepassados que fizeram sacrifícios dos quais nos beneficiamos. (p. 10)

A consciência histórica nos chama não apenas a pensar historicamente, mas também para “vivermos historicamente” (SIMON, 2005). Envolve levar uma vida de obrigação moral ou responsabilidade em relação a pessoas e eventos do passado, ou mesmo cuidar ou valorizar o passado (CHINNERY, 2013), além de colocar em perspectiva nossos valores e nossas ações no presente.

Em suma, muitos educadores compartilham da opinião de que, além das muitas virtudes tradicionalmente associadas ao estudo da história, o lugar e a relevância da consciência histórica é revelada em um ou mais desses três níveis: educação, sociedade e moralidade. No entanto, seus escritos fazem pouca menção de como seu escopo é consistente com os resultados dos estudos empíricos realizados até o momento. Por exemplo, as correlações entre a consciência histórica e seus diferentes papéis e potenciais são realmente observáveis e verificáveis? E como essas observações sobre a função e relevância da consciência histórica podem ser colocadas concretamente em execução, seja em escolas, em instituições políticas ou em comunidades? As descobertas dos didáticos, portanto, abrem uma importante via de pesquisa que ainda precisa ser aprofundada. Uma segunda ressalva pode ser feita quanto à tendência da maioria dos educadores de não buscar diretamente a perspectiva de alunos, professores, políticos, cidadãos e outras pessoas afetadas pelo problema do papel e potencial da consciência histórica. Se os didáticos esperam vender suas descobertas para a população em geral, nem é preciso dizer que a discussão se beneficiaria com a inclusão desses diferentes pontos de vista e experiências.

CONCLUSÕES

A intenção deste artigo foi perceber o lugar da consciência histórica nas discussões recentes sobre o ensino de história no Canadá. Uma breve contextualização do problema, bem como um inventário das definições do conceito, estudos empíricos e justificativas para sua importância, sugerem que a questão ainda permanece ambígua. Na verdade, a imagem que emerge é a de uma noção fecunda, mas a situação particular que afeta nosso relacionamento com

o passado e o surgimento do pensamento histórico como abordagem pedagógica representa um desafio significativo para o aprofundamento da teoria, pesquisa e prática da consciência histórica pela didática da história. Certamente levará vários anos para estabelecer os contornos exatos, mas continua sendo uma tarefa desafiadora e promissora.

Com este artigo demonstramos que a noção de consciência histórica certamente deve informar as discussões públicas e acadêmicas sobre como ensinar, representar e promover a história no Canadá. Dito isso, em um país de dez províncias e três territórios, talvez não seja tão fácil sincronizar essas discussões com realidades educacionais, políticas, sociais, culturais e econômicas específicas de cada uma dessas entidades administrativas. Nesse sentido, uma abordagem comparativa, analisando e contrastando as especificidades de cada uma das províncias e territórios, certamente seria relevante. Além disso, uma abordagem interdisciplinar também enriqueceria a compreensão do problema, na medida em que isso permitiria comparar e harmonizar as contribuições de vários campos que estudam a consciência histórica, como o ensino de história, historiografia, museologia, antropologia, psicologia e sociologia. Estas são duas iniciativas que avançariam, por exemplo, a questão com foco na presença do passado em nossa sociedade atual e no futuro.

REFERÊNCIAS

- BERND, Zilá. 150 anos da Confederação: momento para refletir sobre redefinições identitárias canadenses em termos de inclusão e de articulação de “comunidades de memória”. *Interfaces Brasil/Canadá*, São Paulo, v. 17, n. 2, 2017, p. 40-54.
- BRUNO-JOFRÉ, Rosa; STEINER, Karin. Fostering Educative Experiences in Virtual High School History. *Encounters on Education*, n.8, v. 1, 2007, p. 69-82.
- CENTER for the Study of Historical Consciousness. *About: Definition of historical consciousness*. Disponível em: <http://www.cshc.ubc.ca/about/>.
- CHARLAND, Jean-Pierre. *Les élèves, l'histoire et la citoyenneté: Enquête auprès d'élèves des régions de Montréal et de Toronto*. Québec: Presses de l'Université Laval, 2003.
- CHARLAND, Jean-Pierre; ÉTHIER, Marc-André; CARDIN, Jean-François. Premier portrait de deux perspectives différentes sur l'histoire du Québec enseignée dans les classes d'histoire et leur rapport avec les identités nationales: recherche sur la conscience historique des adolescents canadiens-français et amérindiens. In:

- CARDIN, Jean-François; ÉTHIER, Marc-André; MEUNIER, Anik (orgs.), *Histoire, musées et éducation à la citoyenneté: Recherches récentes*. Montréal: MultiMondes, 2010, p. 183-211.
- CHINNERY, Ann. “What Good Does All This Remembering Do, Anyway?” On Historical Consciousness and the Responsibility of Memory. *Philosophy of Education Archive*, 2010, p. 397-405.
- CHINNERY, Ann. Caring for the past: On relationality and historical consciousness. *Ethics and Education*, v. 8, n. 3, 2013, p. 253–262.
- CHRISTOU, Theodoro Michael; BULLOCK Shawn Michael. The Case for Philosophical Mindedness. *Paideusis*, v. 20, n. 1, 2012, p. 14–23.
- CLARK; Penney. Introduction. In: CLARK; Penney (org.), *New possibilities for the past: Shaping history education in Canada*. Vancouver: UBC Press, 2011, p. 1-30.
- CONRAD, Margaret; LÉTOURNEAU, Jocelyn; NORTHRUP, David. Canadians and their pasts: an exploration in historical consciousness. *Public Historian*, n. 31, v. 1, 2009, p. 15-34.
- CONRAD, Margaret. A brief survey of Canadian historiography. In: CLARK, Penney (ed.). *New possibilities for the past: Shaping history education in Canada*. Vancouver: UBC Press, 2011, p. 33-54.
- CONRAD, Margaret; ERCIKAN, Kadriye; FRIESEN, Gerald; LÉTOURNEAU, Jocelyn; MUISE, Delphin; NORTHRUP, David; SEIXAS, Peter (orgs.) *Canadians and their pasts*. Toronto: University of Toronto Press, 2013.
- DEN HEYER, Kent. History education as disciplined “ethics of truth”. In: CLARK, Penney (org.). *New possibilities for the past: Shaping history education in Canada*. Vancouver: UBC Press, 2013, p. 154-172.
- DUQUETTE, Catherine. Les difficultés entourant l'apprentissage de la pensée historique chez les élèves du secondaire: la conscience historique comme piste de solution. In: CARDIN, Jean-François; ÉTHIER, Marc-André; MEUNIER, Anik. (orgs.). *Histoire, musées et éducation à la citoyenneté: Recherches récentes*. Montréal: MultiMondes, 2010, p. 139-158.
- DUQUETTE, Catherine. Through the looking glass: An overview of the theoretical foundations of Quebec's history curriculum. In: SANDWELL, Ruth; VON HEYKING, Amy (orgs.), *Becoming a history teacher: Sustaining practices in historical thinking and knowing*. Toronto: University of Toronto Press, 2014, p. 139-157.
- DUQUETTE, Catherine. Relating historical consciousness to historical thinking through assessment. In: ERCIKAN, Kadriye; SEIXAS, Peter (orgs.). *New directions in assessing historical thinking*. New York: Routledge, 2015, p. 51-63.

- GAFFIELD, Chad. The blossoming of Canadian historical research: Implications for educational policy and content. In: SANDWELL, Ruth (org.), *To the past: History education, public memory, and citizenship in Canada*. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p. 88-102.
- GOSELIN, Viviane; LIVINGSTONE, Phaedra. *Museums and the past: Constructing historical consciousness*. Vancouver: UBC Press, 2016.
- LAVILLE, Christian. Pour une éducation historique critique, qu'attendre du courant de la conscience historique. In: Tutiaux-Guillon, Nicole; NOURISSON, Didier (orgs.). *Identités, mémoires, conscience historique*. Saint-Etienne: PU Saint-Etienne, 2003, p. 13-25.
- LÉTOURNEAU, Jocelyn; MOISAN, Sabrina. Young people's assimilation of a collective historical memory: A case study of Quebecers of French-Canadian heritage. In: SEIXAS, Peter (org.). *Theorizing historical consciousness*. Toronto: University of Toronto Press, 2004, p. 109-128.
- LÉTOURNEAU, Jocelyn. Remembering our past: An examination of the historical memory of young Québécois. In: SANDWELL, Ruth. (org.), *To the past: History education, public memory, and citizenship in Canada*. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p.70-87
- LÉTOURNEAU, Jocelyn. *Je me souviens? Le passé du Québec dans la conscience de sa jeunesse*. Montréal: Fides, 2014.
- LÉVESQUE, Stéphane. Introduction. In: *Thinking historically: Educating students in the 21st century*. Toronto: Toronto University Press, 2008.
- LÉVESQUE, Stéphane. What it means to think historically. In: CLARK, Penney (org.). *New possibilities for the past: Shaping history education in Canada*. Vancouver: UBC Press, 2011, p.115-138.
- LÉVESQUE, Stéphane. What is the use of the past for future teachers? A snapshot of francophone student teachers in Ontario and Québec's history curriculum. In: SANDWELL, Ruth; VON HEYKING, Amy (orgs.). *Becoming a history teacher: Sustaining practices in historical thinking and knowing*. Toronto: University of Toronto Press, 2014, p. 115-138.
- LÉVESQUE, Stéphane; CROTEAU, Jean-Philippe; GANI, Raphaël. Conscience historique des jeunes francophones d'Ottawa: sentiment d'appartenance franco-ontarienne et récit du passé. *Revue du Nouvel-Ontario*, v. 40, 2015, p. 117-229.
- LÉVESQUE, Stéphane; ZANAZANIAN, Paul. Developing historical consciousness and a community of history practitioners: A survey of prospective history teachers across Canada. *McGill Journal of Education/Revue des sciences de l'éducation de McGill*, v. 50, n. 2-3, 2015. Disponível em: <http://mje.mcgill.ca/article/view/9165>.
- MARKER, Michael. Teaching history from an indigenous perspective: Four windings

- paths up the mountain. In: CLARK; Penney (org.)/ *New possibilities for the past: Shaping history education in Canada*. Vancouver: UBC Press, 2011, p. 97-112.
- MARTINEAU, Robert. *Fondements et pratiques de l'enseignement de l'histoire à l'école: Traité de didactique*. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2010.
- MCLEAN, Lorna; ROGERS, Pamela; GRANT, Nichole; LAW, Ashley; HUNTER, James. Spaces of collaboration: The poetics of place and historical consciousness. *Historical Encounters: A journal of historical consciousness, historical cultures, and history education*, n. 1, v. 1, 2014, p. 4-19.
- MORTON, Desmond. Teaching and learning history in Canada. In: STEARNS, Peter; SEIXAS, Peter; WINEBURG, Sam (orgs.). *Knowing, teaching, and learning history: National and international perspectives*. New York: New York University Press, 2000, p. 51-62.
- MORTON, Desmond. Canadian history teaching in Canada: What's the big deal? In: SANDWELL, Ruth (org.). *To the past: History education, public memory, and citizenship in Canada*. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p.23-31.
- OSBORNE, Ken. Teaching history in schools: A Canadian debate. *Journal of Curriculum Studies*, n. 35, v. 5, 2003, p. 585-626.
- OSBORNE, Ken. "To the past": Why we need to teach and study history. In: SANDWELL, Ruth (org.). *To the past: History education, public memory, and citizenship in Canada*. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p. 103-131.
- PECK, Carla. Ethnicity and students' historical understandings. In: CLARK, Penney (org.). *New possibilities for the past: Shaping history education in Canada*. Vancouver: UBC Press, 2011, p. 305-324.
- SANDWELL, Ruth. Introduction. In: *To the past: History education, public memory, and citizenship in Canada*. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p. 103-131.
- SANDWELL, Ruth; VON HEYKING, Amy. Introduction. In: *Becoming a history teaching: Sustaining practices in historical thinking and knowing*. Toronto: University of Toronto Press, 2014, p. 3-10.
- SEIXAS, Peter. Schweigen! Die Kinder! or does postmodern history have a place in the schools? In: STEARNS, Peter; SEIXAS, Peter; WINEBURG, Sam (orgs.). *Knowing, teaching, and learning history: National and international perspectives*. New York: New York University Press, 2000, p. 19-37.
- SEIXAS, Peter. Introduction. In: *Theorizing historical consciousness*. Toronto: University of Toronto Press, 2000, p. 3-20.
- SEIXAS, Peter. Historical consciousness: The progress of knowledge in a postprogressive age. In: STRAUB, Jürgen (org.). *Narration, identity, and historical consciousness*. Oxford: Berghahn Books, 2005, p. 141-159.

- SEIXAS, Peter. What is historical consciousness? In: SANDWELL, Ruth (org.). *To the past: History education, public memory, and citizenship in Canada*. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p. 11-22.
- SEIXAS, Peter. A modest proposal for change in Canadian history education. *Teaching History*, n. 137, 2009, p. 26-30.
- SEIXAS, Peter. Assessment of historical thinking. In: CLARK, Penney (org.). *New possibilities for the past: Shaping history education in Canada*. Vancouver: UBC Press, 2011, p. 139-153.
- SEIXAS, Peter. Indigenous historical consciousness: An oxymoron or a dialogue. In: M. Rodríguez Moneo, M. Asensio, & M. Carretero (orgs.). *History Education and the Construction of National Identities*. Charlotte: Information Age Publishing, 2012a, p. 125-138.
- SEIXAS, Peter. Progress, presence and historical consciousness: Confronting past, present and future in postmodern time. *Paedagogica Historica: International Journal of the History of Education*, n. 48, v. 6, 2012b, p. 859-872.
- SEIXAS, Peter. A model of historical thinking. *Educational Philosophy and Theory*, 2015a, p. 1-13.
- SEIXAS, Peter. Translation and its discontents: key concepts in English and German history education. *Journal of Curriculum Studies*, 2015b, p. 1-13.
- SEIXAS, Peter; CLARK, Penney. Obsolete icons and the teaching of history. In: CLARK, Penney (org.). *New possibilities for the past: Shaping history education in Canada*. Vancouver: UBC Press, 2011, p. 282-301.
- SEIXAS, Peter; MORTON, Tom. *The big six historical thinking concepts*. Toronto: Nelson Education, 2012.
- SIMON, Roger. The pedagogical insistence of public memory. In: SEIXAS, Peter (org.). *Theorizing historical consciousness*. Toronto: University of Toronto Press, 2004, p. 183-201.
- SIMON, Roger. *The Touch of the Past: Remembrance, Learning, and Ethics*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- STANLEY, Timothy. Whose public? Whose memory? Racisms, grand narratives, and Canadian history. In: SANDWELL, Ruth (org.). *To the past: History education, public memory, and citizenship in Canada*. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p. 32-49.
- ZANAZANIAN, Paul. Historical consciousness and ethnicity: How signifying the past influences the fluctuations in ethnic boundary maintenance. *Ethnic Studies Review*, n. 33, v. 2, 2010, p. 123-141.
- ZANAZANIAN, Paul. Historical consciousness and the construction of group bound-

daries: A look at two Francophone school history teachers regarding Quebec's Anglophone minority. *Curriculum Inquiry*, n. 42, v. 2, 2012, p. 215-139.

ZANAZANIAN, Paul. Historical consciousness and metaphor: Charting new directions for grasping human historical sense-making patterns for knowing and acting in time. *Historical Encounters: A journal of historical consciousness, historical cultures, and history education*, n. 2, v. 1, 2015, p. 17-33.

NOTAS

¹ Nota dos tradutores (N. T.): Nossos agradecimentos à professora Nathalie Popa e à editora-chefe Sharon Hu, da *Canadian Journal of Education*, que gentilmente autorizaram a tradução e apresentação do artigo ao público brasileiro. O texto está publicado originalmente sob o título: *La conscience historique en didactique de l'histoire au Canada* na Revista *Canadian Journal of Education / Revue canadienne de l'éducation*, vol. 40, n. 1 (2017). Canadian Society for the Study of Education/ Société canadienne pour l'étude de l'éducation: www.cje-rce.ca. Traduzido por Wilian Junior Bonete (Doutor em história pelo PPGHIS/UFMT. Docente do curso de História da UEMG, Unidade de Campanha. wjbonete@gmail.com). Revisado por Arnaldo Martin Szlachta Junior (Professor Adjunto UFPE. arnaldo.szlachta@ufpe.br).

² N. T.: A partir de 1867, data oficial da assinatura da Confederação, o Canadá entrou em um ciclo gradual de obtenção de sua soberania em relação ao Reino Unido, sendo sua culminância o reconhecimento da independência do país, em 1931. A Confederação representa o reconhecimento do federalismo como forma de estado e nisto reside a importância deste documento fundador. Em 1º de julho de 2017, o Canadá festejou os 150 anos da entrada em vigor da Confederação. Para mais informações, conferir: Bernd (2017).

³ N. T.: Para fins de padronização, optamos por manter a grafia com “h” minúsculo, conforme também utilizado pela autora Nathalie Popa, ao longo do texto.

⁴ Cf. o *website* de *Notre Canada, nos histoires* em <http://canada150.ca/about-fr.html>.

⁵ Cf. o *website* de *2017 Début Maintenant* em <http://www.2017debutmaintenant.ca/>.

⁶ N. T.: A autora está se referindo ao dossiê especial da Revista Canadense de Educação – *Revue Canadienne de l'éducation* – cujo título é “A consciência histórica”, e local onde o presente artigo foi publicado juntamente com outros seis trabalhos. O dossiê pode ser conferido, na íntegra, no seguinte *link*: <https://journals.sfu.ca/cje/index.php/cje-rce/issue/view/113>.

⁷ Cf. Clark, 2011.

⁸ N. T.: O *Historical Thinking Project* (Projeto Pensamento Histórico) foi elaborado com o objetivo de promover uma nova abordagem ao ensino de história – com o potencial de mudar a forma como os professores ensinam e como os alunos aprendem história, alinhados com as pesquisas internacionais recentes sobre aprendizagem histórica. O projeto gira em torno da proposição de que o pensamento histórico – tal como o pensamento científico no ensino de ciências e o pensamento matemático no ensino de matemática – é algo central

no ensino de história e que os alunos devem adquirir diferentes competências em relação ao pensamento histórico, à medida em que progridem na escolaridade. Para mais informações conferir: <http://historicalthinking.ca/>.

⁹ N. T.: Neste livro, intitulado *Os seis grandes conceitos do pensamento histórico*, Peter Seixas e Tom Morton desenvolveram seis distintos – mas inter-relacionados – conceitos do pensamento histórico que todo estudante precisa desenvolver. São eles: 1) Estabelecimento de significância histórica; 2) Uso de evidências e fontes primárias; 3) Identificação de mudanças e continuidades; 4) Análise de Causas e Consequências; 5) Tomada de perspectivas históricas; 6) compreender a dimensão ética das interpretações históricas. Para mais informações e detalhes, conferir: <http://historicalthinking.ca/historical-thinking-concepts>.

¹⁰ N. T.: O encontro foi realizado entre os dias 26 a 28 de agosto de 2001 e contou com um conjunto de textos publicados nos anais do evento. Participaram diferentes pesquisadores canadenses interessados no tema da consciência histórica.

¹¹ N. T.: O Centro para o Estudo da Consciência Histórica foi fundado em 2001 como parte da cadeira acadêmica em consciência histórica assumida pelo professor Dr. Peter Seixas, que permaneceu até 2016, ano de sua aposentadoria. O Centro financia pesquisas no campo da consciência histórica. Para mais informações, conferir: <https://www.cshc.ubc.ca/about/>.

¹² N. T.: Em uma tradução livre, *sense of past* significa “senso do passado”. No contexto das discussões apresentadas por Nathalie Popa, *sense of past* está relacionado ao modo como os indivíduos relacionam-se com o passado e atribuem sentido a ele. É nesta direção que reside a importância da consciência histórica como um caminho de geração de sentido ao passado.

¹³ N. T.: Esta e as demais citações diretas, ao longo do texto, são traduções nossas, uma vez que tais trabalhos ainda não estão traduzidos no Brasil.

¹⁴ N. T.: Vale ressaltar que a autora está se referindo aos pesquisadores da didática da história no Canadá.

¹⁵ N. T.: No contexto da língua francesa, no Canadá, é recorrente o uso do termo *Agentivité*, sobretudo nas Ciências Sociais e Filosofia. Trata-se da capacidade do ser humano em agir intencionalmente sobre o mundo, sobre o ser e sobre suas escolhas no intuito de exercer influências sobre elas ou transformações.

¹⁶ O programa está disponível no site THEN/HiER no seguinte endereço: <http://www.celat.ulaval.ca/le-passe-et-nous-de-la-conscience-historique-au-xxie-siecle/>.

Tradução submetida em 9 de fevereiro de 2021. Aprovada em 20 de fevereiro de 2021.